

1

2

3

4

4.1 -

4.2 -

4.3 -

4.3.1-

4.3.2-

4.3.2.1-

4.3.2.2-

4.3.2.3-

4.3.2.4-

4.3.2.5-

4.3.2.6-

4.3.2.7-

4.3.2.8-

4.3.2.9-



FIGURA - 4.3.2.9-10: Indivíduo de Gambá capturado em armadilha de gaiola.



FIGURA - 4.3.2.9-11: Indivíduo de *Oligoryzomys* spp. capturado em armadilha de gaiola.



FIGURA - 4.3.2.9-12: Indivíduo de *Sturnira lillium* capturado em rede.



FIGURA - 4.3.2.9-13: Indivíduo de *Carollia perspicillata* capturado em rede.



FIGURA - 4.3.2.9-14: Indivíduo de *Myotis* aff. *riparius* capturado em rede.



FIGURA - 4.3.2.9-15 : Indivíduo de *Desmodus rotundus* capturado em rede.



FIGURA - 4.3.2.9-16: Pegada de Gambá (*Didelphis albiventris*).

A caracterização da fauna de mamíferos existente nas Áreas de Influência Indireta (All) foi feita a partir de levantamentos bibliográficos sobre inventários de espécies realizados na região da APA Cabreúva e APA Jundiáí (Quadro 4.3.2.9-2), englobando a área da Reserva Biológica Municipal Serra do Japi (Marinho-Filho 1992, Miretzki 2005). A fauna de mamíferos é composta por 83 espécies, das quais oito estão na lista de espécies ameaçadas de extinção do Brasil (Machado et al. 2005) e 12 na lista de espécies ameaçadas do estado de São Paulo (Decreto Estadual Nº 42.838, de 04 de fevereiro de 1998).

O empreendimento está localizado dentro da área da APA Cabreúva, criada pela Lei Estadual No 4.023, de 22 de maio de 1984, vizinha a APA Jundiáí (criada pela Lei Estadual No 4.095, de 12 de junho de 1984), e ambas regulamentadas pelo Decreto Regulamentar No 43.284, de 03 de julho de 1998.

Desta forma, deve-se levar em consideração uma série de medidas de preservação, controle e fiscalização ambiental que restringem algumas atividades dentro deste tipo de categoria de Unidade de Conservação que, neste caso, são gerenciadas por um Colegiado Gestor conjunto.

QUADRO - 4.3.2.9-2: Lista de espécies de ocorrência na Área de Influência Indireta.

Nome Científico	Nome popular		Nome Científico	Nome Comum
Didelphimorphia			Carnívora	
Didelphidae			Canidae	
<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá		<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato
<i>Didelphis aurita</i>	Gambá		Procyonidae	
<i>Philander frenatus</i>	Cuíca		<i>Nasua nasua</i>	Quati
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Catita		<i>Procyon cancrivorus</i>	Guaxinim
<i>Monodelphis Americana</i>	Cuíca-de-três-listras		Mustelidae	
<i>Monodelphis iheringi</i>	Catita		<i>Eira barbara</i>	Irara
<i>Monodelphis sorex</i>	Catita		<i>Galictis cuja</i>	Furão
<i>Micoureus paraguayana</i>	Catita		<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Cuíca-de-quatro-olhos		Felidae	
<i>Lutreolina crassicaudata</i>	Cuíca		<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca
<i>Chironectes minimus</i>	Cuíca-d'água		<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato-pequeno
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa		<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá
Xenarthra			<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-mourisco
Myrmecophagidae			<i>Puma concolor</i>	Onça-parda
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim			
Dasypodidae			Artiodactyla/Tayassuidae	
<i>Cabassous tatouay</i>	Tatu-de-rabo-mole		<i>Pecari tajacu</i>	Cateto
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha		Cervidae	
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba		<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro
Chiroptera			Rodentia	
Phyllostomidae			Sciuridae	
<i>Anoura caudifer</i>	Morcego		<i>Sciurus ingrami</i>	Esquilo
<i>Anoura geoffroyi</i>	Morcego		Cricetidae	
<i>Artibeus jamaicensis</i>	Morcego		<i>Akodon cursor</i>	Rato-do-chão
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego		<i>Akodon montensis</i>	Rato-do-chão
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego		<i>Bucepattersonius iheringi</i>	Rato-do-brejo
<i>Chiroderma doriae</i>	Morcego		<i>Calomys tener</i>	Rato-do-mato
<i>Desmodus rotundus</i>	Vampiro		<i>Delomys dorsalis</i>	Rato-do-mato
<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego		<i>Holochilus brasiliensis</i>	Rato-d'água
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego		<i>Necomys lasiurus</i>	Rato-do-mato
<i>Pygoderma bilabiatum</i>	Morcego		<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-d'água
<i>Sturnira lilium</i>	Morcego		<i>Oligoryzomys flavescens</i>	Rato-do-mato
<i>Vampyrops lineatus</i>	Morcego		<i>Oryzomys russatus</i>	Rato-do-mato

QUADRO - 4.3.2.9-2: Lista de espécies de ocorrência na Área de Influência Indireta.

Nome Científico	Nome popular		Nome Científico	Nome Comum
<i>Uroderma bilobatum</i>	Morcego		<i>Oryzomys megacephalus</i>	Rato-do-mato
Vespertilionidae			<i>Oryzomys subflavus</i>	Rato-da-cana
<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego		<i>Oxymycterus hispidus</i>	Rato-do-brejo
<i>Histiotus velatus</i>	Morcego		<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	Rato-do-brejo
<i>Lasiurus blossevillii</i>	Morcego		<i>Thaptomys nigrita</i>	Rato-do-chão
<i>Myotis ruber</i>	Morcego		Erethizontidae	
Molossidae			<i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço-cacheiro
<i>Cynomops planirostris</i>	Morcego		Caviidae	
<i>Eumops auripendulus</i>	Morcego		<i>Cavia aperea</i>	Preá
<i>Eumops perotis</i>	Morcego		Hydrochaeridae	
<i>Eumops glaucinus</i>	Morcego		<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara
<i>Molossops temminckii</i>	Morcego			
Nome Científico	Nome popular		Nome Científico	Nome Comum
Vespertilionidae			Cuniculidae	
<i>Molossus molossus</i>	Morcego		<i>Cuniculus paca</i>	Paca
<i>Nyctinomops laticaudatus</i>	Morcego		Dasyproctidae	
<i>Tadarida brasiliensis</i>	Morcego		<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia
Primates			Myocastoridae	
Callitrichidae			<i>Myocastor coypus</i>	Ratão-do-banhado
<i>Callithrix aurita</i>	Sagüi-da-serra-escuro		Echimyidae	
Cebidae			<i>Euryzygomatomys spinosus</i>	Guirá
<i>Alouatta guariba</i>	Bugio		<i>Phyllomys nigrispinus</i>	Rato-da-árvore
<i>Callicebus nigrifrons</i>	Sauá		Lagomorpha	
<i>Cebus nigritus</i>	Macaco-prego		Leporidae	
			<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapetí

4.3.2.10- Herpetofauna

A herpetofauna forma um grupo artificial que agrupa tradicionalmente os répteis e os anfíbios e está presente em quase todas as comunidades terrestres. Atualmente são conhecidas cerca de 5.000 espécies de anfíbios (Frost, 2004) e mais de 8.000 espécies de répteis (Uetz et al. 1995), sendo que mais de 80% da diversidade dos dois grupos ocorre em regiões tropicais (Pough et al., 1998).

Atualmente a classe Amphibia está dividida em três ordens: Anura (sapos, rãs e pererecas), Gymnophiona (cobra cega) e a ordem Caudata (salamandras). No Estado de São Paulo, só a ordem Caudata não ocorre.

Para o estado paulista são conhecidas cerca de 180 espécies de anuros, correspondendo a aproximadamente 35% das conhecidas para o Brasil, e cerca de 5% da diversidade mundial de anfíbios. As florestas ombrófilas densas e mistas, como a Mata Atlântica, concentram o maior número de espécies, não só em função da maior pluviosidade, mas também em função do terreno acidentado da Serra do Mar e da Mantiqueira, que ocasiona o isolamento geográfico entre populações e endemismo. As florestas estacionais semidecíduais, como as matas do interior do Estado de São Paulo, apresentam menor biodiversidade que as ombrófilas densas e mistas. Nas florestas estacionais semidecíduais existem poucos trabalhos envolvendo a herpetofauna, o que impossibilita qualquer generalização acerca da riqueza de espécies de anfíbios desse ambiente (Haddad, 1998). Diversas espécies de anfíbios vêm declinando em regiões de Mata Atlântica por causas distintas e muitas vezes ainda fruto de controvérsias.

Os répteis atuais, sem a inclusão das aves, formam um agrupamento informal composto pelas ordens Chelonia (tartarugas, cágados e jabutis), Crocodylia (jacarés e crocodilos) Rhyncocephalia (tuatara) e Squamata (lagartos, cobras e anfisbenídeos). Todos esses grupos estão representados na fauna nativa do Estado de São Paulo, com exceção da ordem Rhyncocephalia que é endêmica da Nova Zelândia (Pough et al., 1998). Mais de 180 espécies de répteis ocorrem no Estado de São Paulo, sendo que a maior parte dessa representatividade corresponde aos Squamata.

O empreendimento foi planejado para ser instalado em área atualmente ocupada por pasto, com dois pequenos fragmentos de mata nativa, e margeada por áreas de reflorestamento com eucaliptos, no município de Cabreúva.

Praticamente todo o conhecimento acerca da herpetofauna desta região está resumido nos dois capítulos (Sazima & Haddad, 1992; Haddad & Sazima, 1992) de um livro sobre a história natural da Serra do Japi, que também está localizada, em parte, no município de Cabreúva. Mais recentemente foi publicada uma chave de identificação para os anuros da Serra do Japi utilizando a listagem Haddad & Sazima (1992), acrescentada de mais sete espécies (Ribeiro et al, 2005).

A Serra do Japi representa uma das últimas grandes áreas de floresta contínua do estado de São Paulo e o livro publicado por Morellato (1992) agrupa informações acerca da geomorfologia, clima, flora e fauna dessa região. No capítulo que aborda os anfíbios Haddad & Sazima (1992) elaboraram uma lista com 24 espécies de anuros, de cinco famílias distintas,

através de buscas em áreas com potencial para abrigar as atividades reprodutivas de anuros, durante um ano todo. No capítulo que descrevem a fauna de répteis, Sazima & Haddad (1992) listaram 19 espécies de esquamados, sendo 13 serpentes de duas famílias, cinco lagartos de famílias distintas e uma espécie de anfisbena. A amostragem dos répteis foi realizada através de coletas e observações ao longo de diversos projetos. No ano passado, foi publicada uma chave de identificação para os anuros da região (Ribeiro et al, 2005) acrescentando outras sete espécies à lista de Haddad & Sazima (1992).

- **Metodologia de amostragem**

O levantamento da herpetofauna foi realizado através de amostragem direta - isso é, trabalho de campo com procura ativa de herpetofauna e de seus vestígios - e indireta, que não implica em contato direto do especialista com os animais ou com vestígios destes, através de entrevistas com funcionários das fazendas vizinhas e moradores da região do empreendimento. Além desses métodos de amostragem, foi realizado um levantamento das informações disponíveis na literatura sobre a herpetofauna da região e também foi consultado o acervo da coleção de Herpetologia do Museu de Zoologia da USP em busca de espécimes lá depositados que tenham sido coletados no município do empreendimento e adjacências.

A amostragem direta consistiu em censos diurnos e noturnos com buscas ativas nas áreas do empreendimento. Essa forma de amostragem teve duração de quatro dias e quatro noites nas áreas de influência direta e indireta do empreendimento no período de 25/08 a 29/08/2005.

Os sítios 1 e 2 foram percorridos diariamente, mas durante o período noturno foi investido um esforço maior na exploração de pequenos brejos, poças, margens dos córregos e outros corpos de água doce onde é esperado encontrar anfíbios anuros em atividade e eventuais serpentes em busca desse tipo de presa.

As coordenadas geográficas dos pontos de registro da herpetofauna encontram-se no quadro 4.3.2.10-1 e as áreas amostradas encontram-se nas figuras Figura 4.3.2.10-1 Figura 4.3.2.10-2.

Foram considerados nesse método de amostragem, além dos animais capturados, espécimes avistados e, no caso de anfíbios anuros, registros através da vocalização.

Os exemplares de cada espécie capturada foram identificados previamente em campo, fotografados e libertados. As espécies amostradas foram identificadas através das fotografias e informações anotadas em campo, utilizando-se da literatura disponível para cada grupo de animais e da comparação com o acervo da coleção de herpetologia do Museu de Zoologia

da Universidade de São Paulo (MZUSP).

Como parte dos métodos de amostragem indireta utilizados neste trabalho, foram realizadas entrevistas com moradores e funcionários de fazendas da região. Nesse caso, só foi possível considerar como registros válidos, os relatos de animais com características peculiares e para os quais, a possibilidade de confusão com outros táxons por leigos é reduzida.



FIGURA - 4.3.2.10-1: Poça temporária marginal à ADA 1 (ponto H 1).

Para as espécies registradas por meio de entrevistas, cujas informações fornecidas não permitiram chegar a uma conclusão precisa quanto à determinação da espécie e existia a possibilidade de mais de um táxon se enquadrar na descrição fornecida pelo colaborador, essa determinação restringiu-se à categoria genérica, dado que em alguns casos a descrição do animal pelo informante pode se referir há mais de uma espécie possível para um determinado gênero, como é o caso de *Tupinambis* sp.

A lista da fauna de répteis e anfíbios para a região do empreendimento foi incrementada através de trabalhos disponíveis na literatura. Para a região adjacente ao empreendimento, as obras utilizadas abordando a herpetofauna são os dois capítulos do livro citado anteriormente (Haddad & Sazima, 1992; Sazima & Haddad, 1992), complementados pelo trabalho de Ribeiro et al (2005).



FIGURA - 4.3.2.10-2: Brejo marginal à ADA 2 (ponto H2)

Finalmente, também foram verificadas as coleções de répteis e anfíbios do Museu de Zoologia da USP para o município onde será realizado o empreendimento (Cabreúva) e municípios vizinhos (Jundiaí), de forma a complementar a lista. Entretanto, as informações extraídas de coleções científicas para os municípios que abrangem as áreas de interesse desse estudo, apresentam alguns aspectos que nos permitem apenas estimar as espécies componentes da herpetofauna atual das regiões de interesse nesse trabalho.

O fato de não existir na coleção consultada material fruto de campanhas intensivas de amostragem de fauna para essas regiões, faz com que o registro de répteis e anfíbios seja esparso, ou seja, os animais presentes nas coleções são fruto, em sua maioria, de coletas esporádicas de terceiros e colaboradores, o que certamente não representa uma amostragem completa da diversidade desses municípios, tampouco da região de interesse.

Além disso, o fato das coleções em questão apresentarem registros de espécimes de um período que ultrapassa um século de coleta pode acarretar na inclusão de espécies amostradas em condições de ocupação e conservação das regiões de interesse bastante distintas das encontradas atualmente e, portanto, com uma composição faunística também alterada.

- **Resultados e discussão**

Durante os quatro dias em que foi realizado o levantamento das espécies

nas áreas de influência do empreendimento, foram registradas através dos métodos de amostragem direta: sete espécies de anfíbios anuros, pertencentes a três famílias e, dentre os répteis, apenas a ocorrência de duas cascavéis (*Crotalus durissus* - figura 4.3.2.10-3) capturadas em fazendas adjacentes à ADA cerca de dois meses antes do início do levantamento.



FIGURA - 4.3.2.10-3: Dois indivíduos de *Crotalus durissus* capturados por funcionário de uma fazenda no entorno da gleba

Entretanto, essa baixa diversidade encontrada para répteis e anfíbios certamente está relacionada à época escolhida para a amostragem da Herpetofauna da região.

A época reprodutiva e, conseqüentemente de maior atividade para répteis e, principalmente, anfíbios está em geral relacionada a um clima quente e úmido, durante os períodos mais chuvosos do ano, isso é, o final da primavera e o verão (Duellman, 1987; Heyer et al, 1990; Crump 1994; Marques et al, 2001). As amostragens nas duas áreas foram realizadas durante um período mais seco e com noites bastante frias na área de interesse, o que provoca a redução da atividade desse tipo de fauna.

Além disso, o encontro de répteis durante o trabalho de campo costuma ser bastante fortuito, em especial para as serpentes, para as quais esses eventos são ainda mais raros (Amaral, 1924; Vanzolini et al, 1980; Fitch,

1987).

A causa para essa dificuldade está relacionada, além dos motivos climáticos citados anteriormente, à baixa densidade de indivíduos, hábitos discretos da maior parte das espécies e a vegetação densa e grande quantidade de serrapilheira no solo (Duellman, 1987; Sazima & Haddad, 1992), o que dificulta a elaboração de listas consistentes em pouco tempo de amostragem (Dixo e Verdade, 2006).

Dessa forma, se faz necessário considerar a possibilidade de algumas das espécies relacionadas como de ocorrência provável para a região estarem presentes mesmo não tendo sido registradas pelos métodos de amostragem direta.

A lista de espécies de ocorrência provável nas áreas de influência do empreendimento foi elaborada com base em informações da literatura e coleções científicas - conforme descrito em “métodos” - para o município de Cabreúva e outras regiões próximas às áreas de interesse, como a Serra do Japi e o município de Jundiá.

Nenhuma espécie de anfíbio e sete espécies de répteis tiveram suas presenças na região confirmadas somente através do catálogo geográfico do Museu de Zoologia da USP, enquanto outras 20 espécies de anfíbios e 13 de répteis foram registradas somente através de trabalhos disponíveis na literatura para a região da Serra do Japi (Haddad & Sazima, 1992; Sazima & Haddad, 1992; Ribeiro et al, 2005).

Cinco espécies de anfíbios e outras cinco de répteis estão registradas para a região através das duas formas de amostragem indireta simultaneamente. Assim, as listas das espécies levantadas para a região (prováveis e confirmadas) totalizam, portanto, 57 de répteis e anfíbios, que estão organizadas nos quadros 4.3.2.10-1 e 4.3.2.10-2 a seguir.

Vale ressaltar que as espécies registradas através da literatura e das coleções científicas são apenas presenças potenciais na área, uma vez que estão presentes em regiões próximas e com características semelhantes às do empreendimento e, não necessariamente constituindo a fauna das áreas de influência do empreendimento.

QUADRO - 4.3.2.9-1: Espécies de répteis com presenças prováveis e confirmadas nas áreas de influência da gleba

		Família	Espécie	Nome popular	Forma de Registro	Categoria de Ameaça
Répteis	Serpentes	Colubridae	Apostolepis assimilis	Falsa coral	MZUSP	
			Chironius bicarinatus	Cobra cipó	Sazima & Haddad, 1992	
			Chironius exoletus	Cobra cipó	Sazima & Haddad, 1992	
			Dipsas indica	Dormideira	Sazima & Haddad, 1992	
			Echinanthera affinis	-	Sazima & Haddad, 1992	
			Erythrolamprus aesculapii	Falsa coral	Sazima & Haddad, 1992	
			Liophis miliaris	Cobra D'água	MZUSP; Sazima & Haddad, 1992;	
			Liophis poecilogyrus	Cobra do lixo	MZUSP	
			Oxyrhopus guibei	Falsa coral	Sazima & Haddad, 1992	
			Philodryas olfersii	Cobra verde	MZUSP; Sazima & Haddad, 1992	
			Philodryas patagoniensis	Parelheira	MZUSP; Sazima & Haddad, 1992	
			Spilotes pullatus	Caninana	Sazima & Haddad, 1992	
			Sibynomorphus mikanii	Dormideira	MZUSP	
			Sibynomorphus neuwiedii	Dormideira	MZUSP	
			Thamnodynastes sp	Corre campo	MZUSP	
			Xenodon neuwiedii	Quiriripitá	Sazima & Haddad, 1992	
		Viperidae	Bothrops jararaca	Jararaca	Entrevistas; Sazima & Haddad, 1992	
			Crotalus durissus	Cascavel	Visual; Entrevistas; Sazima & Haddad, 1992	
	Lacertilia (Sauria)	Gymnophthalmidae	Cercosaura schreibersii	-	Sazima & Haddad, 1992	
		Leiosauridae	Enyalius iheringi	Camaleãozinho	Sazima & Haddad, 1992	
			Urostrophus vaultieri	-	MZUSP; Sazima & Haddad, 1992	
		Scincidae	Mabuya frenata	Lagartixa	MZUSP	
		Teiidae	Ameiva ameiva	Bico doce	MZUSP	
			Tupinambis sp	Teiú	Entrevistas	
			Tupinambis teguixin	Teiú	Sazima & Haddad, 1992	
	Amphisbaena	Amphisbaenidae	Amphisbaena Alba	Cobra de duas cabeças	Sazima & Haddad, 1992	

QUADRO - 4.3.2.9-2: Espécies de anfíbios com presenças prováveis e confirmadas nas áreas de influência da gleba

		Família	Espécie	Nome popular	Forma de Registro	Categoria de Ameaça
Anfíbios	Anura	Brachycephalidae	Brachycephallus ephippium	Pingo de ouro	MZUSP; Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
		Bufonidae	Bufo ictericus	Sapo cururu	Captura; Sonoro; Haddad & Sazima, 1992;	
			Bufo ornatus	Sapo	Captura; Sonoro; Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
		Hylidae	Aplastodiscus arildae	“Perereca verde”	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Aplastodiscus leucopygius	Perereca verde”	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Bokermannohyla luctuosa	Perereca	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Dendropsophus microps		Ribeiro et al, 2005	
			Dendropsophus minutus		Captura; Sonoro; Ribeiro et al, 2005	
			Dendropsophus sanborni	Pererequinha	Captura; Sonoro; Ribeiro et al, 2005	
			Hypsiboas albopunctatus		Ribeiro et al, 2005	
			Hypsiboas bischoffi	Perereca	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Hypsiboas faber	Sapo ferreiro	Sonoro; Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Hypsiboas prasinus	Perereca	Captura; Sonoro; Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Phasmahyla cochranae	Perereca de folhagem	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Phyllomedusa burmeisteri	Perereca de folhagem	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Scinax eurydice		Ribeiro et al, 2005	
			Scinax fuscovarius	Perereca de banheiro	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	
			Scinax hayii	Perereca	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005	

QUADRO - 4.3.2.9-2: Espécies de anfíbios com presenças prováveis e confirmadas nas áreas de influência da gleba

		Família	Espécie	Nome popular	Forma de Registro	Categoria de Ameaça
Anfíbios	Anura	Centrolenidae	<i>Scinax hiemalis</i>	Perereca do inverno	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Hyalinobatrachium cf. eurygnathum</i>	Perereca de vidro	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
		Leptodactylidae	<i>Crossodactylus aff. Díspar</i>	Rãzinha	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Eleutherodactylus binotatus</i>	Rã da mata	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Eleutherodactylus guentheri</i>	Rãzinha	Captura; Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Eleutherodactylus juipoca</i>	Rãzinha do capim	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Eleutherodactylus parvus</i>	Rãzinha	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Hylodes ornatus</i>	Rã das cachoeiras	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Leptodactylus cf. ocellatus</i>	Rã manteiga	MZUSP; Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Odontophrynus americanus</i>		MZUSP; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Physalaemus cuvieri</i>	Rã cachorro	Sonoro; MZUSP; Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
			<i>Proceratophrys boiei</i>	Sapo de chifre	Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	
		Microhylidae	<i>Elachistocleis ovalis</i>	Rãzinha oval	MZUSP; Ribeiro <i>et al</i> , 2005	

Forma de registro: MZUSP: registros através de pesquisa nos catálogos geográficos do Museu de Zoologia da USP; Entrevistas: registros através de entrevistas com moradores e trabalhadores da região; Captura: registros através de captura e manipulação de espécimes; Sonoro: registro através do reconhecimento da vocalização de anfíbios anuros; Visual: registro através da visualização do espécime, sem captura. **Categoria de Ameaça:** (ESP): espécies ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo, de acordo com o Decreto Estadual 42.838/1998, nas categorias: PE - provavelmente extinta; CP - criticamente em perigo; EP - em perigo; VU - vulnerável; PA - espécies provavelmente ameaçadas no estado; (IBAMA): espécies ameaçadas de extinção de acordo com Lista Oficial da Fauna ameaçada de extinção do IBAMA para o Brasil Portaria n.1522, de 19 de dezembro de 1989, atualizada na Instrução Normativa do Ministério do Meio Ambiente n. 3 de 27 de maio de 2003.

A) Lista das espécies registradas para a região com comentários sobre sua história natural e conservação:

- Anfíbios

Brachycephalidae

Brachycephallus ephippium - pingo de ouro

Registro realizado através da coleção do Museu de Zoologia da USP e da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005). Anfíbio pequeno de cor amarelo-ouro, hábitos principalmente diurnos e desenvolvimento direto. Tem preferência pelas épocas mais chuvosas do ano e matas úmidas (Izecksohn e Carvalho-e-Silva, 2001), apresentando potencial de estar presente nos pequenos fragmentos de mata presentes na área de interesse do empreendimento.

Bufo

Bufo ictericus - Sapo cururu (Figura 4.3.2.9-4)

Registro realizado através de captura de um indivíduo em AID 1, às margens do Córrego do Caí (AID 1) e através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005). Espécie de sapo grande, com distribuição bastante ampla pelo sudeste brasileiro, muito comum em regiões serranas do litoral e do interior. Possui hábitos noturnos, abrigando-se durante o dia em tocas entre raízes de árvores ou pedras. Pode ocupar os mesmos ambientes utilizados pelo *B. ornatus* (ver a seguir).



FIGURA - 4.3.2.9-4: Fêmea adulta de *Bufo ictericus*

Bufo ornatus - Sapo (figura 4.3.2.9-5)

Registro realizado através da visualização e captura de diversos indivíduos vocalizando em poça temporária, em região descampada adjacente à mata cortada pelo Córrego do Cai (H 1 - figura 4.3.2.9-6), onde também foram registrados grandes grupos de girinos dessa espécie (figuras 4.3.2.9-6 e 4.3.2.9-7) e através de registros bibliográficos (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro et al, 2005). Possui distribuição ampla desde o sul do Estado do Espírito Santo até o norte do Paraná e possivelmente as províncias de Misiones e Corrientes na Argentina (Baldissera Jr. et al., 2004; Haddad & Sazima, 1992). É bastante comum, de hábito estritamente terrícola, que se alimenta de pequenos invertebrados principalmente no período noturno. Apresenta glândulas paratóides pequenas, quando comparadas com as de *Bufo ictericus*. Também pode ser diagnosticado através de uma fina faixa longitudinal esbranquiçada no dorso.



FIGURA - 4.3.2.9-5: Indivíduo adulto de *Bufo ornatus*

Figura 4.3.2.9-6: Vista geral de poça (H 1) repleta de girinos de *Bufo ornatus*





Figura 4.3.2.9-7: Detalhe de grupo de girinos de *Bufo ornatus*

Hylidae

Aplastodiscus arildae - Perereca verde

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Espécie de perereca de cor verde e tamanho médio, com potencial de ocupar as margens dos riachos que cortam os fragmentos de mata. É uma espécie geralmente encontrada em altitudes de 800 a 1500 metros. Desovam em riachos de ambientes florestais de montanha (Haddad & Sazima, 1992). Apresenta potencial para ser encontrada nos microhabitats descritos acima, dentro dos fragmentos de mata da área de interesse do empreendimento.

Aplastodiscus leucopygius - Perereca verde

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Espécie bastante semelhante à anterior na cor e tamanho, ocupa as Serras do Mar e da Mantiqueira, apresentando atividade noturna, com potencial de ocupar as margens de riachos (AID 1 e 2) e poças temporárias como as observadas nos fragmentos de mata da área.

Bokermannohyla luctuosa - perereca

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Perereca de tamanho médio, foi descrita para a região da Serra do Japi por Pombal & Haddad (1993) e também parece estar presente no Parque Nacional do Itatiaia (Ribeiro *et al*, 2005). Perereca de porte grande observada no solo ou empoleirada na vegetação ao redor de poças temporárias (Haddad & Sazima, 1992), podendo ocupar habitat semelhante nas áreas de interesse do empreendimento.

Dendropsophus microps - pererequinha

Registrada apenas através da literatura (Ribeiro *et al*, 2005). Perereca de porte pequeno que costuma vocalizar em vegetação baixa e em gramíneas sobre ou próximo de corpos de água (Heyer *et al*, 1990), com potencial para ocupar, nas

áreas de influência do empreendimento habitats semelhantes aos de *Dendropsophus minutus* e *D. sanborni* (ver adiante), que foram encontradas em corpos d'água dentro da área de interesse. De acordo com as observações de Heyer *et al* (1990), essa espécie foi encontrada em atividade a partir do mês de outubro na Estação Biológica de Boracéia.

Dendropsophus minutus - perereca de ampulheta (figura 4.3.2.9-8)

Registrada através de visualização e captura de indivíduos vocalizando em vegetação baixa em brejo na margem da mata dentro da ADA 2 (H 2 - figura 4.3.2.9-8) e através da literatura (Ribeiro *et al*, 2005). É uma perereca pequena com distribuição muito ampla, desde o norte da América do Sul até a região mais meridional, o que pode significar a existência de mais de uma espécie dentro deste táxon. É bastante comum nas áreas que ocupa, costuma vocalizar a partir da primavera em vegetação baixa sobre a água.



Figura 4.3.2.9-8: Adulto de *Dendropsophus minutus*

Dendropsophus sanborni - pererequinha (figura 4.3.2.9-9)

Registrada através de visualização e captura de indivíduos vocalizando em vegetação baixa sobre a água em poça temporária em região descampada adjacente à ADA 1 (H1 - figura 4.3.2.9-9) e através da literatura (Ribeiro *et al*, 2005). Perereca pequena com distribuição no Sul e Sudeste do Brasil, sul do Paraguai, Uruguai e leste e centro da Argentina (Ribeiro *et al*, 2005).



Figura 4.3.2.9-9: Adulto de *Dendropsophus sanbornii*

Hypsiboas albopunctatus - Perereca trepadora.

Registrada apenas através da literatura (Ribeiro *et al*, 2005). Perereca de tamanho médio que se distribui amplamente pelo Brasil, ocorrendo em diversas regiões do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e no Estado de Rondônia, além de Argentina, Paraguai e Uruguai. É bastante comum dentro dessas áreas, com exceção do Paraguai. Espécie de perereca bem adaptada aos ambientes modificados pela ação humana, é encontrada em corpos d'água dentro de florestas e em áreas abertas (Aquino *et al*, 2004). Os machos são encontrados vocalizando sobre a vegetação em alturas entre 10 a 70 cm do chão ou sobre lajes e pedras. (Eterovick & Sazima, 2004; Frost, 2004).

Hypsiboas bischoffi - perereca

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Perereca de tamanho médio, conhecida da Serra do Mar, entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul. É uma espécie de hábitos noturnos e tolerante ao desmatamento, podendo ocorrer em ambientes bastante antropizados (Ribeiro *et al*, 2005). Costuma vocalizar na beira de corpos de água, em vegetação baixa e em gramíneas (Heyer *et al*, 1990).

Hypsiboas faber - sapo-ferreiro

Registrada através da vocalização de ao menos um indivíduo em AID, na margem do Córrego do Caí, e através de registros bibliográficos (Haddad &

Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). É uma perereca de tamanho grande, hábitos noturnos que se reproduz em coleções de águas temporárias e permanentes, incluindo poças artificiais. Sua voz é semelhante ao som produzido por marteladas. Constroem ninhos em forma de “panelas” e distribuem-se do nordeste ao sul do Brasil e em países vizinhos como Argentina e Paraguai (Frost, 2004; Haddad & Sazima, 1992; Heyer *et al.*, 1990; Lavilla *et al*, 2004). Apesar de ser uma espécie que se adapta ao corte seletivo da mata e ao crescimento secundário das florestas, por ser uma espécie dependente de ambientes florestais, algumas populações podem vir a sofrer com o desmatamento (Lavilla *et al*, 2004).

Hypsiboas prasinus - Perereca (figura 4.3.2.9-10)

Espécie registrada através da captura, visualização e vocalização de alguns indivíduos no período noturno, em vegetação, em um brejo na margem da mata, dentro de ADA 2 (H 2 - figura 4.3.2.9-2) e através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Espécie de tamanho médio com ocorrência nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (Ribeiro *et al*, 2005). Foi considerada a espécie mais abundante durante a amostragem de Haddad & Sazima (1992) na Serra do Japi e, de acordo com esses autores, a única que se reproduziu durante todo o ano amostrado.



Figura 4.3.2.9-10: Adulto de *Hypsiboas prasinus*

Phasmahyla cochranae - perereca da folhagem

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Descrita para a Serra do Mar, também possui registros para a Serra da Mantiqueira (Haddad & Sazima, 1992). Essa espécie apresenta atividades

noturnas, quando anda sobre a vegetação. Sua ocorrência dentro das áreas de influência do empreendimento é pouco provável, uma vez que seu habitat costumeiro são margens de riachos de corredeiras.

Phyllomedusa burmeisteri - perereca da folhagem

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Apresenta ampla distribuição ocorrendo do sul de São Paulo até o estado da Bahia. Possui hábitos noturnos e desloca-se em marcha característica, raramente pulando (Haddad & Sazima, 1992). Costuma habitar as bordas da floresta e se reproduzem construindo funis com folhas sobre corpos de água para direcionar os girinos.

Scinax eurydice - perereca

Registrada apenas através da literatura (Ribeiro *et al*, 2005). Perereca de tamanho médio com distribuição do Estado de São Paulo até a Bahia. Devido à ampla distribuição e tolerância a diversos habitats, é considerada como pouco ameaçada de declínio atualmente (Arzabe e Carvalho-e-Silva, 2004).

Scinax fuscovarius - perereca de banheiro

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Apresenta distribuição bastante ampla ocorrendo do sudeste ao sul do Brasil, além do norte da Argentina e Paraguai e leste da Bolívia (Haddad & Sazima, 1992), o que causa dúvidas sobre a possibilidade de existirem mais espécies sob o mesmo nome. É uma espécie bastante comum na sua área de ocorrência e costuma vocalizar sobre rochas ou solo, entre vegetação herbácea ao redor de poças temporárias (Haddad & Sazima, 1992). É bastante tolerante a ambientes antropizados.

Scinax hayii - perereca

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). É conhecida da Serra do Mar entre o Espírito Santo e Santa Catarina e é provável que exista mais de uma espécie sob o mesmo nome (Haddad & Sazima, 1992). Possui hábito noturno, encontrada frequentemente empoleirada sobre troncos e folhagem ao redor de poças. Devido à ampla distribuição e a tolerância a diversos tipos de habitats é considerada como pouco ameaçada de declínio atualmente (Carvalho-e-Silva e Telles, 2004).

Scinax hiemalis - perereca-do-inverno

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). É conhecida de matas de planalto paulista, nas regiões de Campinas e Botucatu. Apresenta reprodução restrita aos meses do inverno (Ribeiro *et al*, 2005). Devido à ampla distribuição e a tolerância a diversos tipos de habitats é considerada como pouco ameaçada de declínio atualmente (Carvalho-e-Silva e Telles, 2004).

Centrolenidae

Hyalinobatrachium cf. eurygnathum - perereca-de-vidro

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Perereca de tamanho médio e coloração verde, que apresenta ventre transparente, o que lhe confere seu nome popular. Já em 1992, Haddad & Sazima apontavam para o desaparecimento dessa espécie na Serra do Japi, o que foi confirmado por Ribeiro *et al*, (2005), que ainda comenta que esse declínio também vem sendo observado em outras regiões. Dessa forma, entende-se que as possibilidades dessa espécie estar presente nas áreas de interesse do empreendimento (bastante alteradas e antropizadas) são bastante reduzidas.

Leptodactylidae

Crossodactylus aff. dispar - rãzinha-do-riacho

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Rã de tamanho pequeno, apresenta hábitos diurnos e habita beiras de riachos de corredeira em rochas ou serrapilheira. O gênero apresenta situação taxonômica bastante confusa e requer revisão de suas espécies (Ribeiro *et al*, 2005). A possibilidade de essa espécie estar presente dentro das áreas de interesse do empreendimento é bastante reduzida, devido à ausência dos habitats preferidos por essas rãs na região.

Eleutherodactylus binotatus - Rã-da-mata

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Rã de tamanho médio a grande, que se distribui da Bahia até o sudeste brasileiro. Pode haver mais de uma espécie tratada sob este nome (Ribeiro *et al*, 2005). São encontradas ativas durante o dia ou à noite, sobre a serrapilheira no interior da mata, assim, considerada uma espécie estritamente florestal. Seu desenvolvimento é direto e costuma ser bastante comum em sua área de distribuição.

Eleutherodactylus guentheri - Rãzinha (figura 4.3.2.9-11)

Registrada através da coleta de um espécime na serrapilheira da mata durante o começo da noite, dentro de ADA 1, próximo ao Córrego do Caí e através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Apresenta distribuição ampla pelo sudeste do Brasil e grande variação morfológica (Haddad & Sazima, 1992). Com atividade principalmente noturna, mas pode ser encontrada eventualmente durante o dia. Como a espécie anterior, apresenta desenvolvimento direto e hábitos florestais.



Figura 4.3.2.9-11: Adulto de *Eleutherodactylus guentheri*

Eleutherodactylus juipoca - Rãzinha-do-capim

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Apresenta distribuição ampla no planalto do Sudeste do Brasil, ocorrendo em regiões de morro ou relevo ondulado. Na Serra do Japi, os machos costumam vocalizar no crepúsculo, na borda da mata e longe de corpos de água, sobre a vegetação herbácea (Haddad & Sazima, 1992). Possui biologia reprodutiva desconhecida.

Eleutherodactylus parvus - Rãzinha

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Distribui-se através Serra do Mar e regiões próximas, nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo. Rã de tamanho pequeno, apresenta grande variação morfológica e, em geral é encontrado dentro da mata na serrapilheira.

Costuma ser bastante abundante onde é encontrada, entretanto foi registrado apenas um espécime na Serra do Japi, por Haddad & Sazima (1992).

Hylodes ornatus - Rã das cachoeiras

Registrada apenas através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Apresenta registros na Serra da Mantiqueira e na Serra do Japi. É uma espécie de hábito diurno e ocupa margens de riachos de corredeiras, onde vocalizam em rochas, troncos emersos ou na margem (Haddad & Sazima, 1992). Devido à ausência desse tipo de ambiente dentro da área de interesse do empreendimento, é bastante improvável a presença dessa espécie nesse perímetro.

Leptodactylus cf. ocellatus - Rã-manteiga

Registrada apenas através dos catálogos geográficos da coleção herpetológica do Museu de Zoologia da USP e literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). O nome deste táxon vem sendo aplicado a diversas populações distribuídas pela América do Sul ao leste dos Andes, o que pode significar a existência de mais de uma espécie sob o mesmo nome. Apresenta atividade noturna em margens de corpos de água. Suporta bem a interferência antrópica no ambiente e possui girinos que parecem suportar um grau de poluição superior ao da maioria dos anuros. É uma rã bastante comum em ambientes antropizados (Izecksohn e Carvalho-e-Silva, 2001).

Odontophrynus americanus

Registrada apenas através dos catálogos geográficos da coleção herpetológica do Museu de Zoologia da USP e literatura (Ribeiro *et al*, 2005). Distribui-se em áreas abertas de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, sendo encontrada também no Uruguai, Paraguai e Argentina. É uma rã de tamanho muito grande, hábito fossório-escavador, muitas vezes sendo confundida com sapos por ser extremamente robusta.

Physalaemus cuvieri - Rã cachorro (figura 4.3.2.9-12)

Registrada através da vocalização de ao menos um indivíduo em AID, na margem do Córrego do Caí, e através de registros bibliográficos (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Apresenta distribuição muito ampla, ocorrendo no nordeste, centro-oeste e regiões sul e sudeste do Brasil, além da Argentina, leste do Paraguai, Bolívia e, possivelmente, nas regiões de baixada do sul da Venezuela (Frost, 2004; Mijares *et al*, 2004). Entretanto, a taxonomia

do grupo apresenta algumas dúvidas, podendo existir mais de uma espécie sob o mesmo nome (Eterovick & Sazima, 2004; Frost, 2004; Mijares *et al*, 2004). Apresenta vocalização bastante característica, lembrando latidos de cachorro e alimenta-se de pequenos invertebrados. Deposita a desova em ninhos de espuma, que constroem presos à vegetação. Trata-se de uma espécie altamente adaptável, não apresentando risco imediato de declínio (Mijares *et al*, 2004).



Figura 4.3.2.9-12: Adulto de *Physalaemus cuvieri*

Proceratophrys boiei - Sapo de chifre

Espécie registrada através da literatura (Haddad & Sazima, 1992; Ribeiro *et al*, 2005). Apesar de pertencer à família das popularmente denominadas rãs, tem a aparência externa de um sapo, por ser mais robusto e menos dependente de corpos de água. Possui projeções dérmicas na cabeça que lembram pequenos chifres. Vive em áreas florestadas sob o folhiço, com o qual se confunde devido ao padrão de coloração característico do dorso. Os ovos são depositados sob as folhas submersas de ambientes aquáticos sem correnteza (Cochran, 1955). Pode ser encontrado desde o estado de Pernambuco até Santa Catarina.

Microhylidae

Elachistocleis ovalis - Rãzinha oval, rã-grilo.

Espécie registrada através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP e através da literatura (Ribeiro *et*

al, 2005). Rã pequena, com corpo ovóide característico, de hábitos fossoriais e, provavelmente, se alimenta de cupins e formigas. Apresenta taxonomia bastante confusa, sendo o nome *E. ovalis*, certamente designado a um complexo de espécies (Rodrigues *et al*, 2004; Ribeiro *et al*, 2005). Considerada pela IUCN como fora de perigo imediato de declínio (Rodrigues *et al*, 2004).

- Répteis

Serpentes

Colubridae

Apostolepis assimilis - falsa coral

Espécie registrada através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP. Serpente de tamanho pequeno, hábitos fossoriais, provavelmente se alimenta de pequenos artrópodes no folhíço. É uma espécie encontrada em geral em ambientes abertos, sendo freqüente nos cerrados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Mato Grosso.

Chironius bicarinatus - cobra cipó

Espécie registrada para a Serra do Japi através da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente de porte médio a grande, podendo ultrapassar um metro de comprimento. É um animal bastante comum para a mata atlântica, ovíparo, com hábito arborícola e terrícola e alimentação basicamente anurófaga (Dixon *et al*, 1993; Marques *et al*, 2001). Apresenta atividade diurna, dormindo durante a noite sobre vegetação. Essa espécie distribui-se da Bahia ao Rio Grande do Sul, com registros também para algumas províncias do nordeste da Argentina e oeste do Uruguai, em geral relacionados a ambientes florestais (Dixon *et al*, 1993). São bastante agressivas, mas possuem dentição áglifa e não são peçonhentas.

Chironius exoletus - cobra cipó

Espécie registrada para a Serra do Japi através da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente de características morfológicas, de hábito e habitat bastante similares à da espécie do mesmo gênero citado acima. Essa espécie apresenta distribuição ampla e disjunta, pela região costeira do Brasil e na região equatorial da América do Sul, alcançando até a América Central, no Panamá, o que pode sugerir a existência de mais de uma espécie sob este nome. Como *C. bicarinatus*, é uma espécie relacionada à ambientes florestais (Dixon *et al*, 1993).

Dipsas indica - Dormideira

Espécie registrada para a região da Serra do Japi através da literatura (Sazima & Haddad, 1992) como *Dipsas bucephala* (aqui considerada como sinônimo da

subespécie *D. indica bucephala*). Serpente de porte médio, da subfamília Dipsadinae, tem alimentação basicamente malacófaga (lesmas e caramujos). Apresenta padrão de coloração procríptico e possivelmente mimético de *Bothrops jararaca*. Não costuma reagir agressivamente quando manipulada. Apresenta distribuição bastante ampla, com registros das suas três subespécies desde a região norte do país até o estado do Paraná, o que pode indicar a existência de um complexo de espécies sob este nome.

Echinanthera affinis

Espécie registrada na região através da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente de porte médio, de hábito terrícola fossorial, ocorre em regiões florestais e pode ser encontrada em áreas abertas modificadas por ação antrópica (Sazima & Haddad, 1992). Ovípara, apresenta dieta baseada em pequenos lagartos e anuros e quando perturbada não costuma morder.

Erythrolamprus aesculapii - falsa coral

Espécie registrada na região através da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente de porte médio, com dieta baseada principalmente em outras serpentes (Marques *et al*, 2001). Apresenta coloração coral em preto, branco e vermelho, apresentando possível relação de mimetismo com serpentes elapídeas do gênero *Micrurus* (corais verdadeiras). Pode ser encontrada tanto em regiões florestadas como em áreas abertas modificadas para a agricultura (Sazima & Haddad, 1992).

Liophis miliaris - cobra d'água

Espécie registrada na região através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP e da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente de porte médio, comumente encontrada em ambiente aquático e terrícola durante o dia ou à noite. Existem sete subespécies descritas, apresenta distribuição ampla e disjunta, pela costa leste da América do Sul, da Argentina até o nordeste Brasileiro, com registros esparsos na Bacia Amazônica e Cerrado (Dixon, 1989). É uma espécie bastante comum em sua área de distribuição e adapta-se bem a ambientes antropizados. Apresenta reprodução ovípara, pouco agressiva, raramente mordendo, mesmo quando manipulada. Não possui dentes sulcados para inoculação de peçonha e seus principais itens alimentares são anfíbios e peixes (Marques *et al*, 2001).

Liophis poecilogyrus - cobra-do-lixo

Registro realizado através da coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP. Serpente pouco encontrada na região de Mata Atlântica, de porte médio, hábito terrícola diurno e noturno, dieta predominantemente anurófaga (Marques *et al*, 2001). Distribui-se amplamente na região mais a leste da América do Sul da Venezuela até a Argentina, com ocorrência no Cerrado, Mata Atlântica, Amazônia e Caatinga brasileiros. O status taxonômico dessa espécie é

bastante controverso podendo haver de nenhuma a nove subespécies (Dixon, 1989). Essa espécie apresenta reprodução ovípara, não apresenta presas adaptadas à inoculação de veneno e é pouco agressiva.

Oxyrhopus guibei - falsa coral

Espécie registrada na região através da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente terrícola, de porte médio com atividade predominantemente noturna. Alimenta-se de pequenos mamíferos, lagartos e, eventualmente, aves (Sazima & Haddad, 1992). Assim como *Erythrolamprus aesculapii* também parece apresentar relação de mimetismo com as corais verdadeiras. É um animal característico de áreas abertas que, provavelmente, vêm se aproveitando da retirada da vegetação de mata e ampliando sua distribuição (Marques *et al*, 2001), se tornando um animal bastante comum em áreas perturbadas pela atividade agrícola.

Philodryas olfersii - cobra verde

Espécie registrada na região de interesse através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP e da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente com hábito diurno, arborícola e terrícola, costuma ocupar bordas de mata e ambientes abertos. Alimenta-se de pequenos vertebrados, principalmente ratos (Sazima & Haddad, 1992). Quando acuada, costuma morder inoculando veneno, propiciando um dos acidentes ofídicos mais graves ocasionados por colubrídeos no Brasil. Apresenta distribuição muito ampla, com registros desde o estado de Rondônia até o Rio Grande do Sul, com registros em diversos estados do nordeste brasileiro.

Philodryas patagoniensis - Parelheira

Espécie registrada na região de interesse através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP e da literatura (Sazima & Haddad, 1992). Serpente com hábitos e habitat idênticos aos da espécie anterior. Também apresenta distribuição bastante ampla, ocupando ambientes abertos do Brasil central ao sul do país.

Spilotes pullatus - Caninana

Espécie registrada na região de interesse através da literatura (Sazima & Haddad, 1992). É uma serpente de porte grande, muitas vezes ultrapassando um metro e meio de comprimento. Apresenta hábito terrícola e arborícola e é encontrada em atividade durante o período diurno. Sua alimentação é basicamente de aves e pequenos mamíferos e, apesar de não apresentar denticulação adaptada para a inoculação de veneno, é uma serpente extremamente agressiva. Quando incomodada ou acuada, é freqüente observar esses animais batendo a cauda no chão repetidamente e inflando a região gular em uma tentativa de intimidar o oponente. Essa espécie distribui-se amplamente por praticamente toda a América do Sul a leste dos Andes, com ocorrências no

Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Amazônia.

Sibynomorphus mikanii - Dormideira

Espécie registrada na região de interesse através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP. Assim como *Dipsas indica*, é outro integrante da subfamília Dipsadinae que apresenta hábito alimentar exclusivamente malacófago. Pode ser avistada no chão da mata ou em árvores e arbustos (Marques *et al*, 2001). Geralmente não morde quando manipulada, liberando apenas descarga cloacal. Apresenta distribuição ampla abrangendo diversos estados do Brasil, com registros da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Sibynomorphus mikanii - Dormideira

Espécie registrada na região de interesse através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP. Apresenta as mesmas características que a espécie congênica descrita acima, com uma distribuição menor, abrangendo os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

Thamnodynastes sp- Corredeira

Espécie registrada na região de interesse através de espécimes depositados na coleção de herpetologia do Museu de Zoologia da USP como *T. nattereri* (*Thamnodynastes* sp. 1 de Franco & Ferreira, 2002). Serpente de tamanho médio a pequeno, que ocupa grande variedade de habitats e ambientes, possui dentição opistóglifa e reprodução vivípara. A situação taxonômica deste gênero é extremamente confusa, não havendo uma definição clara quanto à validade de um grande número de nomes disponíveis para o gênero. De acordo com Franco & Ferreira (2002) essa espécie ocorre do norte da Bahia ao Uruguai e nas áreas de influência atlântica do sul e sudeste brasileiro, sendo mais abundante nas áreas de floresta ombrófila densa e menos nas áreas de florestas semidecidual e cerrado.

Xenodon neuwiedii - Quiriripitá

Espécie registrada na região de interesse através da literatura (Sazima & Haddad, 1992). É uma serpente de porte médio, bastante comum em sua área de distribuição, que vai do Brasil central até o sul da América do Sul. É um animal ovíparo, de hábito terrícola, diurno e deve se alimentar exclusivamente de anfíbios anuros (Sazima & Haddad, 1992; Marques *et al*, 2001). Muitas vezes é confundida com serpentes peçonhentas do gênero viperídeo *Bothrops* devido ao seu padrão de coloração, mas apesar de agressiva, é uma serpente com dentição áglifa, não peçonhenta.